

TRABALHO FLEXIVEL E SOCIABILIDADE: O CASO DOS BANCARIOS DE CRUZEIRO DO SUL/PR

Débora Fernandes de Paiva¹
Hugo Ubaldo de Souza²
João Paulo Reggiani de Medeiros³

Parece tarefa fácil definir o que é o trabalho ou qual é o conceito de trabalho, porém ao nos depararmos com algumas questões entendemos que esta é uma área de fundamental importância para os homens, tanto na busca pelo seu próprio sustento, digo o sustento material, o que sustenta a forma física ou mesmo entender as dimensões do trabalho para que o homem possa viver em sociedade.

A natureza em sua composição possui o ser inorgânico, que é o mundo material, e o ser orgânico, sendo as plantas e animais. O homem mesmo como ser social não consegue sobreviver sem a natureza, até porque sem a reprodução biológica não é possível existir a sociedade. Sérgio Lessa diz que:

[...] por mais desenvolvida que seja a sociedade, ela sempre terá uma base natural. Sem a transformação da natureza pelos homens - sem a reprodução biológica - não há história humana. Contudo, o ser social é distinto do mundo natural porque, na esfera da vida a evolução se faz pelo desaparecimento e surgimento de novas espécies de plantas ou animais, a história humana é o surgimento, desenvolvimento e desaparecimento de relações sociais. (LESSA, 1999)

A definição do homem como ser social não o exclui do meio natural, apenas o difere dos outros animais. Essa diferenciação ocorre pela capacidade humana de realizar tarefas de forma consciente. A realização dessas tarefas surge da necessidade de manutenção da vida. Para compreender é necessário entender o processo de desenvolvimento do homem enquanto ser social.

1Discente do curso de História da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA. Pesquisa de Iniciação Científica em andamento. Orientador Prof. Dr. Renan Araújo. Apoio Fundação Araucária - PR. Email: debora.fernandesdepaiva@gmail.com

2 Discente do curso de História da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA. Pesquisa de Iniciação Científica em andamento. Orientador Prof. Dr. Renan Araújo. Apoio Fundação Araucária - PR. Email: hugofutsal12@hotmail.com

3Discente do curso de História da Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA. Pesquisa de Iniciação Científica em andamento. Orientador Prof. Dr. Renan Araújo. Fundação de Apoio a FAFIPA. Email: jpreggiani@yahoo.com.br

Marx nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844 distingue o ser humano dos outros animais através das características próprias da “atividade vital” (*“Lebenstätigkeit” - Marx, 1900:80*). A atividade vital é aquela que reproduz a vida, sendo que, todo animal e inclusive o ser humano precisa a realizar para sobreviver e se reproduzir. No caso do ser humano a simples sobrevivência física do indivíduo e a sua reprodução biológica através do nascimento garantem a continuidade da espécie biológica, mas não garantem a reprodução do gênero humano com as características historicamente constituídas. A atividade vital humana (trabalho) não é apenas uma atividade que garante a sobrevivência do indivíduo e dos que o rodeiam, mas é uma atividade que garante a existência (DUARTE, 1999).

O homem, ao produzir os meios para a satisfação de suas necessidades básicas de existência, ao produzir uma realidade humanizada pela sua atividade, humaniza a si próprio, na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva. Cria, portanto uma realidade humanizada tanto objetiva quanto subjetivamente. Ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer sua necessidade, objetiva-se nessa transformação. Por sua vez, essa atividade humana objetivada passa a ser ela também objeto de apropriação pelo homem, isto é, ele deve se apropriar daquilo que de humano ele criou, tal apropriação gera nele necessidades humanas de novo tipo, que exigem nova atividade, num processo sem fim. No meu entender, esse é o significado da expressão “um ato de nascimento que se supera”. (DUARTE, 1999, p. 32)

A realização do trabalho proporciona a constante transformação da realidade, a objetivação sempre é geradora de uma nova situação. A mudança da realidade faz com que o indivíduo também se transforme, entretanto, essa transformação não faz com que o homem mude enquanto ser natural, e sim, modifique a natureza que o rodeia. Através disso é possível afirmar que o indivíduo ao construir o mundo objetivo também se constrói e que ao transformar a natureza ele também se transforma, pois adquirir novos conhecimentos e capacidades.

As objetivações realizadas desde os primórdios da vida humana estão presentes na sociedade atual, visto que as apropriações ocorridas a partir das primeiras objetivações são fundamentais para a atualidade, pois foram a partir delas que os homens adquiriram os primeiros conhecimentos e alcançaram através de seus estudos as tecnologias hoje existentes.

A primeira vez na história que o indivíduo produz mais do que necessita para sua sobrevivência ocorre com nascimento da agricultura. É neste momento que também surge à exploração do homem pelo homem em busca do lucro. Em consequência nasce a

primeira classe social, que foi a dos senhores de escravos. Com estas novas condições nascem necessidades para a realização do trabalho, os complexos sociais surgem e se tornam necessários. O Estado ergue-se com o papel de manter e difundir uma ideologia que faça com que a classe dos trabalhadores seja conformada com sua situação.

[...] sem deixar de ser o complexo através do qual a sociedade se reproduz materialmente, o ato de trabalho passa a ser também (mas não, apenas) uma relação de poder entre os homens. E, quando isso ocorre, é imprescindível uma série de complexos sociais que serão os portadores práticos desse poder de alguns indivíduos sobre os outros. É por isso que surgem, se desenvolvem e se tornam cada vez mais importantes para a reprodução social, complexos como o Estado, a política, o Direito, etc. (LESSA, 1999)

Estes complexos citados por Lessa são fundamentais para que a exploração do trabalho se realize e por isto eles não podem ser confundidos com o trabalho. Em sua essência o trabalho é sempre a relação dos homens com a natureza, enquanto que nesses complexos ocorre sempre apenas a relação de homens entre si, sendo o objetivo principal realizar a organização das relações sociais.

1. **“TOYTISMO: DA VIA JAPÔNEZA À ACUMULAÇÃO FLEXIVEL.”:**

Em meados da década de 80, o mundo do trabalho passa por mudanças de extrema importância, mudanças estas que afetaram e ainda afetam, de forma direta os trabalhadores e sua relação com o “trabalho” (trabalho na forma capitalista de concepção). Em sua obra “Condição Pós – moderna” (1989) David Harvey aborda a gênese dos problemas que acarretaram a estas mudanças de concepções, ao que se refere na formação estrutural do trabalho fordista, que começara a sair de cena:

“De um modo mais geral, o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: Rigidez. Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho (especialmente no chamado setor monopolista).” (HARVEY, 1989, p. 135)

Neste trecho nota-se que o modelo fordista/taylorista não era mais capaz de responder as demandas capitalistas. A rigidez colocada pelo autor, se tornará impecílio no processo de expansão do capital; Levando em conta a grande expansão do fordismo no Pós-guerra, o mesmo tornará-se um modelo estático e pragmático.

Neste período de crise do sistema capitalista (crise estrutural), nasce um modelo no japão que serviria como base para um processo de reestruturação na produção de capital: “a partir da crise estrutural do capital e sua mundialização, o que veio a ser denominado “Toyotismo” tornou-se o “momento predominante” do que David Harvey denomina de “Regime de acumulação flexível”. O espírito do toyotismo torna-se, naquelas determinadas condições histórico-concretas, um valor universal para o capital em processo.” (ALVES, 2007). Mas quais são estas mudanças? Quais inovações que se “incorporariam” ao sistema fordista (pois o capital é um movimento histórico, fruto de relações sociais, que incorporam conhecimento produzido socialmente), e que posteriormente o superariam?.

O Toyotismo nasce no Japão em um período de reestruturação do país após a II Guerra Mundial. E respondia a determinadas condições históricas do momento de vida dos japoneses (poucos espaços físicos, diferente dos grandes estoques fordistas americanos). O sistema Toyota tem como uma das suas características principais o sistema “*Lean Production*”, ou seja, uma produção limpa, que tem como princípio cortar aquilo que Marx chamara de “Tempo poroso” (sem trabalho; produção). Giovanni Alves (2007) em sua tese de doutorado mostra como o “idealizador” do toyotismo Taiichi Ono, tinha em sua mente um conceito formado sobre o fordismo e produção em larga escala, e como o toyotismo se adaptaria aos momentos de crise mais facilmente:

“O sistema toyota de produção, com seus dois pilares defendendo a absoluta eliminação de desperdício, surgiu no Japão por necessidade. Hoje numa época de lento crescimento econômico no mundo inteiro, este sistema de produção representa um conceito em administração que funcionará para qualquer tipo de negócio.” (OHNO; IN ALVES, 2007, p. 46)

Alves afirma que o toyotismo de Ohno tem o poder de adaptabilidade aos mais diferentes tipos de panorama econômico, “Na medida em que o sistema toyota de produção se dissemina pelo mundo do capital, adaptando-se (e intervindo) no cenário do seu novo sócio–metabolismo, ele torna-se toyotismo ou novo modelo de produção flexível.” (ALVES, 2007). As antigas bases fordistas, “produção em massa para consumo de

massa”, dentro de um processo histórico e dialético de negação do capital, são póstas de lado e dão lugar ao novo modelo japônes e flexível , que prima pela produção por demanda, enchugamento de estoque e corte na linha de produção. Essas novas medidas tem como eixo central responder aos novos processos aplicados por Ohno, *Just-in-time* e o *Kan-ban* . Estes são dispositivos organizacionais que tem como função acabar com os “tempos mortos”, Alves aborda o tema:

“Para Ohno, o ideal da absoluta eliminação do desperdício significa redução de custos. Diz ele : ‘Para reduzir custos é absolutamente necessário que as quantidades sejam iguais às quantidades necessárias’. (OHNO, 1997) Eis um dos pilares fundamentais do sistema toyota de produção: o just-in-time. (ALVES, 2007, p. 49)

“O sistema de gerenciamento *just-in-time* baseia-se no princípio de que todo circuito produtivo ou todas as fases da produção devem se desenvolver na mais perfeita sintonia. O funcionamento desse sistema é condicionado pelo mercado, isto é, o que será produzido (quantidade e modelo) é aquilo que o mercado demanda”.(FRANCA, 2007). Essas mudanças de Ohno tem como ponto central, assim como o fordismo/taylorismo teve no processo histórico do capitalismo de acumulação, a encrementação de captura de mais-valia. Deste modo, nota-se que o discursso de Ohno é um discursso dúplice, ao mesmo tempo que ele prega que o toytismo tem como principal objetivo a gestão dos negócios, vê se que o fordismo tem como principal ponto a gestão do trabalho vivo, a mão-de-obra. Alves aborda:

“Nos negócios nós estamos sempre preocupados em como produzir mais com menos trabalhadores”. (OHNO, 1997) a obsessão de Ohno contra o desperdício da superprodução e a redução de custos é, de fato, a obsessão em utilizar menos trabalho vivo. Ele se pergunta: como podemos aumentar a produção com menos trabalhadores? Ohno não quer aumentá-la com a redução do número de dias trabalhados, mas sim com a redução de número de operários.”(ALVES, 2007, p. 49).

Com as ondas de enchugamento que a “acumulação flexível” prega no processo de reestruturação do capital, os maiores prejudicados são os trabalhadores. David Harvey aborda a cituação operária no processo de “flexibilização do trabalho”:

“O mercado de trabalho, por exemplo, passou por uma radical reestruturação. Diante da forte volatilidade do mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente (desempregados ou subempregados) para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis.” (HARVEY, 1989, p. 143)

“As derrotas históricas das forças sociais e políticas do trabalho, a crise do Welfare State e a ofensiva neoliberal nas instâncias político-ideológicas deram ao capital a maior liberdade possível, sem a qual não poderia afirmar-se como sujeito fora e dentro do processo de trabalho”(ALVES, 2007). É a partir deste neste momento que os trabalhadores ficam sujeitos a vontade reestrutural do capital. Mas como se pode ter um avanço na produção com sistématicos cortes de mão-de-obra? Ohno trabalha com o conceito de produção em grupos (células de trabalho), que vai totalmente contra ao fordismo, que tinha como base o trabalhador isolado. Ricardo antunes em seu livro “Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho”(1997) aborda o novo perfil do trabalhador “operário fabril flexível”:

“Para atender às exigências mais individualizadas de mercado, no melhor tempo e com melhor “qualidade”, é preciso que a produção se sustente num processo flexível, **que permita a um operário operar com várias máquinas** (em média cinco máquinas, na Toyota), rompendo-se com a relação um homem/uma máquina que fundamenta o fordismo. É a chamada “polivalência” do trabalhador japônes, que mais do que expressão e exemplo de uma maior qualificação, estampa **a capacidade do trabalhador em operar com várias máquinas, combinando “várias tarefas simples”**.(ANTUNES, 1997, p. 26, grifo nosso)

Apoiando-se no discursso da Polivalência do trabalhador, as novas ordens capitalistas de gestão no trabalho cobram cada vez mais a melhor adaptação a diferentes meios de produção, não basta mais ser especialista, o trabalhador tem de ser multifuncional. Giovanni Alves trata desta relação entre trabalhador e máquina no toyotismo:

“A idéia de Ohno é dar às máquinas um toque humano ou inteligência humana. Mais uma vez, ele trata do processo de produção, mas seu “olhar fixo” está no trabalho vivo. O princípio de autonomia com toque humano implica, segundo ele, que “não será necessário um operador enquanto a máquina estiver funcionando normalmente”. O que significa que a autonomia com toque

humano contribui para o sistema de multitarefas e de operadores polivalentes ou como observa Coriat, desespecialização e polivalência operária. Enquanto a máquina estiver funcionando normalmente, ela libera o operador para atender diversas máquinas. Obtém-se, deste modo, o objetivo supremo do toyotismo: reduzir o número de operadores e aumentar a eficiência da produção. (ALVES, 2007, p. 53)

O toyotismo inaugura uma nova concepção de trabalhador que agora tem de trabalhar mais e com maior “comprometimento” com a produção. “O trabalho polivalente baseia-se na rotação de tarefas, funcionando em determinados casos, como mecanismos de garantia da qualidade, uma vez que reduz as situações de *stress* e de perda de concentração do trabalhador.”(FRANCA, 2007) o que era corrente no fordismo, pois o trabalhador praticava o mesmo movimento até exaustão, pois era necessário na produção em massa. Outro grande problema eram as falhas das peças na produção em massa, no abastecimento do grande estoque muitas peças saíam com defeito. Para Ohno isto era perda de “tempo”, e perda de tempo no sistema *just-in-time* é perda de lucro. E para a solução deste problema o sistema toyota cria o “*kan-ban*”, que consiste em plaquetas que são póstas no local onde estava a peça anterior, ou seja, um aviso que é necessário a reposição da peça. Um sistema muito parecido com a reposição dos grandes mercados.

Renan Araújo (2009) em sua tese de doutorado aborda o novo perfil do trabalhador jovem-adulto flexível do ABC, faz sérios apontamentos a respeito da carga de trabalho descarregada nos trabalhadores flexíveis. Através do recurso da história oral, Araújo nos mostra como é recebido pelos trabalhadores estas mudanças no chão da fábrica, em sequencia depoimento de um trabalhador flexível, Moisés (depoimento contido na tese de doutorado de Renan Araújo):

“Nessas mudanças (...) eu era operador de máquinas, hoje sou obrigado a operar, preparar, controlar e fazer TPM (Manutenção preventiva total), que são pequenos reparos...**Hoje você tem que fazer tudo**”. (ARAÚJO, 2009, p. 151, grifo do autor).

A fala de um trabalhador inserido na lógica flexível é de extrema importância para a melhor percepção, nota-se que Moisés coloca “Hoje você tem que fazer tudo”. Alojados em grupos de trabalho os operários são colocados sob extrema pressão para que as metas de produção sejam correspondidas. Participação nos lucros incentivam os trabalhadores a se empenharem mais, apoiados no discurso da “Família Toyota” onde defender a empresa é defender a “família” (já podemos verificar o ato de “trabalhar” e a relação com aquilo

que toca o “pessoal” do trabalhador). A flexibilização tem como ponto principal a “captura da subjetividade” do trabalhador:

“Esta é a perspicácia de Ohno em sugerir que os novos ganhos de produtividade nas condições de crise estrutural do capital devem ocorrer por meio da apropriação/expropriação pelo capital das sinergias dadas pelo engajamento do operador individual pela cooperação, é uma inovação meramente organizacional que busca racionalizar a produção atacando outro ângulo: a intensa espoliação da subjetividade do trabalho vivo”(ALVES,2007, p. 56).

A “via japonesa” de trabalho traz ao movimento de acumulação do capital, novos ingredientes, o trabalhador boi do fordismo que doava apenas seu corpo a produção, já é passado agora enxerga-se algo novo, concepções novas. “É com o toyotismo que surge a necessidade da constituição de um novo nexos psicofísico no local de trabalho, capaz de ir além das meras atitudes maquinais e automáticas de operários e empregados.”(ALVES, 2007). O toyotismo não busca “reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico material” (GRAMSCI,1984,IN ALVES) todo o processo se baseia, como já dito antes, na captura da subjetividade/engajamento do trabalhador fabril, este que já resistiu há um processo de corte na fábrica, ou seja, tem medo de ser mais um desempregado. O toyotismo traz consigo não somente “novas” concepções na linha de produção de capital, mas também novos conceitos de trabalhador e meio social. Para uma maior adaptabilidade as novas condições de trabalho, a reprodução de sua nova condição tem de ocorrer também fora do perímetro fabril. Desta forma podemos apontar que a criação de um vasto Léxico da “flexibilização”, assim como aponta Giovanni Alves em seus escritos, tem como ponto principal disseminar concepções “flexíveis” por toda a sociedade. Palavras como “empregabilidade”, “competitividade”, são correntes hoje em dia por todos os meios de reprodução social (escolas, televisão, livros de auto-ajuda e etc.), podemos notar o poder de expansão do toyotismo e suas novas concepções propagadoras de “valores-fetiches” por toda sociedade:

“Nas últimas décadas, o aparato hegemônico neoliberal tem constituído um novo terreno ideológico, que impulsiona uma ‘reforma das consciências e dos métodos de conhecimento’. Ao tratarmos do espírito do toyotismo e de seu nexos essencial, a ‘captura’ da subjetividade, iremos constatar que o toyotismo é também um ‘fato filosófico’. É nesse sentido que Gramsci nos diz: ‘quando se consegue introduzir uma nova moral adequada a uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma reforma filosófica total.’”(ALVES, 2007, p. 31)

A partir da análise realizada por Alves da teoria de Gramsci nota-se que o movimento do “capital global” no período de flexibilização do trabalho tem como ponto principal difundir valores que legitimem os novos complexos “socioestruturais” pregados no âmbito fabril. A criação de um novo modo de vida, uma vida “*just-in-time*”.

2. A CAPTURA DA SUBJETIVIDADE NO TRABALHO FLEXIVEL:

Como já foi abordado, o nexos central da reestruturação produtiva flexível do capital, passa pelo processo de “captura” da subjetividade. Assim aborda Giovanni Alves:

“O processo de precarização do trabalho no capitalismo global atinge a objetividade e a subjetividade da classe dos trabalhadores assalariados. O eixo central dos dispositivos organizacionais (e institucionais) das inovações organizacionais do novo complexo de reestruturação produtiva é a “captura” da subjetividade do trabalho pela lógica do capital. É a constituição de um novo nexos psicofísico capaz de moldar e direcionar ação e pensamento de operários e empregados em conformidade com a racionalização da produção. (ALVES, 2007, p. 120)

Os dispositivos de captura da subjetividade do trabalhador têm como ponto crucial agregar valor às mercadorias. “Enfim, a empresa toyotista busca hoje mobilizar conhecimento, capacidades, atitudes e valores necessários para que os trabalhadores possam intervir na produção, não apenas produzindo, mas agregando valor”. (ALVES, 2007), eis aí o conceito de captura da subjetividade na produção flexível. O processo de apropriação do “saber-fazer” do trabalhador é essencial na “captura” da subjetividade do toyotismo, e esta apropriação conta com a ajuda dos nexos sociais:

“O espírito do toyotismo está inscrito, por exemplo, no discurso da nova pedagogia que traduz em seu léxico elementos do novo nexos psicofísico (saber-fazer, saber usar e saber comunicar). Exige-se, deste modo, um novo nexos psicofísico do trabalho pelo qual o indivíduo é educado para atuar competitivamente.” (ALVES, 2007, p. 123).

O processo de captura da subjetividade/engajamento do trabalhador flexível cria novos complexos de “dominação” no que diz respeito ao trabalho. Novos meios de controle da produção que negassem o período do “chicote” fordista (onde as decisões eram

tomadas de “cima para baixo”), que oportunizassem maior abertura á participação do trabalhador no processo de produção, para que houvesse de fato apropriação do saber operário. “Com os grupos de trabalho, alterou-se também o relacionamento pessoal nos espaço da fábrica. Foi inerente à formação dos grupos o estabelecimento de um ambiente de trabalho mais envolvente e, aparentemente, menos despótico” (FRANCA, 2007).

Dentro desta realidade não se pode esquecer que o trabalho é cada vez mais prolongado e penoso, ou seja, é de extrema importância para o capital criar meios de envolvimento dos trabalhadores, para que estes se sintam valorizados, e engajados com os propósitos da empresa. Evidencia-se através de depoimentos de operários da **GM**, no livro de Gilberto Cunha Franca, de 2007, “O Trabalho no Espaço da Fábrica: Um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP)”, a visão do operariado diante das novas mudanças no que diz respeito a participação na produção. Vejamos um depoimento de um trabalhador da **GM** (depoimento contido no livro de FRANCA):

“Todo o dia, antes de iniciarmos o trabalho, discutimos, durante cinco minutos, as questões de segurança. Antigamente acontecia muito acidente. A linha de montagem também melhorou. Devido aos cursos e palestras, os encarregados conversam mais com agente. Eles têm mais paciência. **Se uma pessoa te trata bem, você pode dobrar o trabalho. Os salários, no entanto, continuam os mesmos. Há sempre reuniões de time e de cafezinho para conversar sobre os problemas de dentro e fora da fábrica.** Nós ganhamos em qualidade e podemos participar mais. O rendimento de todos é melhor. **Para avançar mais, falta somente aumentar os salários e termos estabilidade no emprego.**” (FRANCA, 2007, p. 67, grifo nosso).

Com este depoimento percebe-se que os trabalhadores se sentem mais importantes no processo de produção, mais “ativos”, participativos (o que é o desejo do capital) o espaço da fábrica no toytismo se torna um local de “eterno aprendizado”, os trabalhadores são cobrados para sempre estarem se aprimorando (o que não significa que estejam aprendendo, e sim aprendendo uma determinada fração do trabalho). Mas, porém nota-se também que os pontos falhos ainda aparecem aos olhos dos trabalhadores, “Os salários, no entanto, continuam os mesmos...”, ou seja, participação não garante melhorias salariais, ganhos reais. O processo de captura da subjetividade não se dá de forma tranqüila, não se dá sem a “luta de classes”, segue mais um depoimento contido no livro de Franca:

“Antes, se fazia o trabalho no chicote, a pessoa trabalhava sob ameaças. Hoje já não é assim, é no convencimento, que faz a gente trabalhar, é no discurso. Houve mudança no nível de tratamento da chefia, porque mudou o propósito da empresa, tem que ganhar os trabalhadores de uma forma mais ideológica. Hoje nós trabalhamos mais do que antes.” (FRANCA, 2007, p.69)

Os trabalhadores percebem que trabalham mais, porém a grande maioria prefere os moldes flexíveis “participativos” do toyotismo, que o período fordista do “chicote”, devido ao maior espaço de participação no “chão da fábrica”. Outro ponto crucial na “captura” da subjetividade do trabalhador, são as novas formas de pagamento, amparadas no enfraquecimento sindical, estas possibilitam a flexibilização de contratação dos trabalhadores e também possibilitam a implantação dos salários parciais, bônus, e participação nos lucros. Alves aponta a importância destas práticas:

“A estratégia clássica do consentimento do trabalhador utilizada pelo método toyota de produção era a emulação individual por estruturas estimulantes dos mercados internos e das carreiras vitalícias no interior das grandes empresas. Entretanto, com a mutação das contrapartidas toyotistas, a emulação individual no locus fabril ocorre hoje, principalmente, pelos novos sistemas de pagamento. Por exemplo, além do salário por antiguidade, surgem os bônus de produtividade ou participação nos lucros e resultados (ou PLR). (ALVES, 2007, p. 133)

No trecho de Alves fica evidente que a maior saída para a captura da subjetividade/engajamento dos trabalhadores hoje, são os bônus de produtividade ou participação nos lucros e resultados (PLR), pois eles entram no lugar do trabalho vitalício que outrora era o que “brilhava” aos olhos dos trabalhadores. O processo de captura da subjetividade através do bônus salarial, nada mais é que uma apropriação histórica do capital, Marx abordara ele em sua obra “O capital”, o que ele chamará de “salário por peça”:

“Segundo Marx, o salário por peça ‘é a forma de salário mais adequada ao modo capitalista de produção’. Observa que, com o salário por peça, ‘[...] a qualidade e a quantidade do trabalho [são] controlados pela forma de salário, tornando em grande parte desnecessário o trabalho de inspeção’. Ou ainda : “No salário por peça, [o trabalho se mede] pela quantidade de produtos em que o trabalho se materializa num dado espaço de tempo. [...] Dado o salário por peça, é naturalmente interesse pessoal do trabalhador empregar sua força de trabalho o mais intensivamente possível, o que facilita ao capitalista elevar o grau normal

de intensidade do trabalho. É também interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho, a fim de aumentar seu salário diário ou semanal”. (MARX IN, ALVES, 2007, p. 135).

Através deste mecanismo o capital trabalha com o subjetivo do trabalhador diretamente, como Marx colocou o operário fica refém de si próprio, ele mesmo aumenta a taxa de tempo de trabalho para que o seu salário mensal (quando este ainda existe) seja incrementado com o bônus salarial, ou o PLR. Além do sistema de pagamento, os operários são colocados sobre uma avaliação de “desempenho que incentiva o espírito de competição entre operários e empregados” (ALVES,2007), assim o capital tem adesão as metas da empresa e os trabalhadores além de terem os bônus produção se sentem “seguros” pelo fator da produção medir quem sai ou não. E de certa forma a competição entre eles não pode tomar o caráter individualista, pois eles prejudicaram o companheiro de fábrica e isso trará prejuízos a todos, e principalmente aos lucros da fábrica. Assim se cria uma pressão do próprio trabalhador consigo mesmo, e de seus companheiros, para que as metas sejam cumpridas:

“Na medida em que o comprometimento do trabalhador é estimulado pela pressão coletivamente exercida pela equipe de trabalho, temos, portanto, outro elemento da “exploração do trabalhador pelo trabalhador”. O primeiro, como já salientamos, era dado pelas novas formas de pagamento vinculado a bônus salariais. O trabalhador era carrasco de si mesmo. O segundo é a pressão coletiva exercida pela equipe de trabalho. Nesse caso, o carrasco dos trabalhadores é o próprio coletivo de trabalho constituído pelo capital. O que pressupõe, portanto, incrementar a manipulação por meio da supervisão e do controle operário, exercido pelos próprios operários – o que dispensa a “[...] presença física de uma burocracia de enquadramento especialmente formada e paga para se consagrar a tarefas de controle, medida e de avaliação da conformidade dos trabalhos efetuados em relação aos objetivos determinados” (CORIAT, IN ALVES, 2007, p. 137).

Desta forma verifica-se a cisão que o ocorre na “classe trabalhadora” onde os próprios trabalhadores coíbem uns aos outros. É o que aponta Ricardo Antunes em seu livro “Adeus ao trabalho” (1997), onde ele mostra a descaracterização do proletariado formal (fabril), pelo advento da flexibilização do trabalho em todas as instâncias, seja ela contratual, salarial, ou na área de serviços. Ricardo encaixa um novo conceito: “A classe que vive do trabalho”.

Outro modo de “captura” da subjetividade/engajamento dos trabalhadores é o apontado por Viviane Forrester em seu livro “O Horror Econômico” (1997) que aborda as

mazelas do desemprego na sociedade atual, e mostra que este é um problema estrutural e não tem concerto, dentro da lógica capitalista de acumulação. Forrester coloca a baila um ponto mais do que crucial na “captura” da subjetividade dos trabalhadores, a risco de demissão a qualquer momento, e aponta a “vergonha” como um mediador da apropriação:

“Pois não há nada que enfraqueça nem que paralise mais que a vergonha. Ela altera a raiz, deixa sem meios, permite toda espécie de influência, transforma em vítimas aqueles que a sofrem, daí interesse do poder de recorrer a ela e a impô-la; ela permite fazer a lei sem encontrar oposição, e transgredi-la sem temor de qualquer protesto. É ela que cria o impasse, impede qualquer resistência, qualquer desmistificação, qualquer enfrentamento da situação. É ela que afasta a pessoa de tudo aquilo que permitiria recusar a desonra e exigir uma tomada de posição política do presente. É ela, ainda, que permite a exploração dessa resignação, além do pânico virulento que contribui para criar.”(FORRESTER, 1997, p. 12)

Todo este processo de “captura” da subjetividade/engajamento do trabalhador flexível, ganha ainda mais eficácia quando colocado a bordo da discussão o ingrediente do “medo”, ou a “vergonha” apontada por Forrester. Nos dias de hoje o mar de desempregados a procura de algo para obter o sustento familiar, ou seja, os que restam com algum tipo de emprego (seja qual, e de qualquer tipo) assim como diz a autora, se apegam com tudo que têm para não perde-lo e passar a “vergonha” de estar desempregado. Os trabalhadores vivem a caminhar sobre o abismo e se sujeitando a tudo para conseguirem ter as mínimas condições de sobrevivência.

Essa entrega do corpo e da alma para a produção, característica do indivíduo que trabalha na “forma flexível”, fator advindo da captura da subjetividade, é extremamente nociva a vida social dos trabalhadores. Juntamente com os processos de captura da subjetividade, criam-se indivíduos que não vivem sem o trabalho, que as vidas só se fazem com sentido naquele momento. Na sociedade do “descartável” vemos que as relações sociais que deveriam ser cheias de sentido se tornam vazais ou até mesmo, inexistentes.

3. SOCIABILIDADE E TRABALHO FLEXÍVEL:

Como já foi dito anteriormente o capital é um processo histórico que se apropria de conhecimento socialmente produzido, e que em sua forma flexível se adapta aos mais diferentes meios sociais, se apropriando de costumes locais em próprio proveito, ou até

mesmo acabando com estes se for necessário. Neste eixo do texto aborda-se as complicações que o trabalho no capital, na égide do trabalho flexível, trazem a vida das pessoas (trabalhadores diretamente), e a intervenção em suas relações sociais. Richard Sennett em seu livro “A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999) aborda como o “novo capital” intervém na vida dos trabalhadores e sua relação com o “meio social”. Sennett faz uma abordagem de como deve ser o “perfil” do trabalhador no novo capitalismo:

“A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais.” (SENNETTE, 1999, p. 9)

Vive-se uma sociedade onde os discursos colocam que os riscos estão intimamente ligados ao sucesso. Momento este onde tudo aquilo que anteriormente era ligado á direitos e seguranças são colocados de lado e negados, em um processo dialético de reestruturação social, e do trabalho na sociedade do capital. Com está nova “ideologia” no trabalho evidencia-se cada vez mais os trabalhadores engajados em seu trabalho na empresa, participação de corpo e alma, na busca de melhores condições de salários e seguridade de emprego.

Renan Araújo aborda em sua tese sobre o modo de vida *just-in-time* do perfil adulto-flexível do ABC, os reflexos sociais causados pelo trabalho flexível na vida dos trabalhadores. Araújo mostra que o modo de vida *just-in-time*, traz a vida dos trabalhadores um eterno “vai-vem”, um processo de eterno “aprendizado”, muitas horas de estudo aliados ao trabalho. Podemos notar esta rotina na vida de Jorge (entrevistado por Araújo) jovem que teve todo o “ciclo de formação” para trabalhar na empresa:

“[...] de segunda a sexta... eu sempre estudo algum idioma, atualmente eu estudo Francês, inglês... normalmente eu faço aula na USP duas vezes por semana, inglês eu faço no sábado [...] Durante os períodos das aulas eu não tinha tempo para nada, quando eu estava na faculdade não tinha tempo para nada [...] Quando eu fazia faculdade não tinha tempo para muita coisa, eu saia da empresa... jantava ali na empresa mesmo, tomava um banho já ia direto pra faculdade. Eu chegava uma hora antes preparava algum relatório pra entregar... muita lição estudava alguma coisa. As aulas começavam a sete e dez, ia até vinte e duas e

quarenta. Quando chegava em casa eu preparava algumas coisas pro dia seguinte... a faculdade foi muito corrido. Era neste horário de segunda a sexta, aos sábados de manhã, da sete e vinte até meio dia e quarenta. Sábado eu tinha aula de manhã, depois ia direto pro curso de inglês [...] Eu gostava de fazer cursos de matemática aplicada, então era domingo de manhã das sete e meia até duas horas e meia, três horas da tarde... tinha aula de oito horas... tinha que levar marmitta (risos...), [...] **Isso foi de 1998 até o ano passado (2006)** [grifo do autor]. Inglês eu estudei mais de sete anos, alemão quatro anos.” (ARAUJO, 2009, p. 74)

Com o depoimento percebe-se, que o jovem Jorge, teve sua vida muito agitada dentro e fora da empresa, agitação esta que decorrerá do fato da eterna especialização pregada pelo novo capital flexivo. Renan Araújo mostra que os jovens são os que sofrem mais, pois são mais doadores de si para empresa, se engajam mais na busca de “dias melhores”, e muitas vezes abandonam a própria vida social, ou seja, o relacionamento com os familiares, amigos e até mesmo as relações afetivas mais normais para a faixa etária, como o namoro. Cita-se novamente um depoimento de Araújo quando ele mostra o que diz Márcia, jovem metalúrgica que sente por não ter aproveitado sua mocidade:

“Durante o curso do SENAI, à noite eu fazia o colégio... então eu estudava o curso de mecânica, e depois, das sete e meia da noite até as onze horas eu estudava o colegial (ensino médio). No final do ensino médio eu comecei a namorar um colega de classe [...] eu não conciliei o meu tempo de estudar... de ter uma hora pra ficar com meu namorado... de trabalhar na fábrica... trabalhava de fim de semana... todo domingo eu trabalhava... no primeiro ano da faculdade. Então. No primeiro ano da faculdade era assim, durante a semana toda eu acordava as quatro e dez e dormia a meia noite e meia. Aos sábados, eu acordava um pouco mais tarde... as seis e meia, saía pro curso de inglês, e ficava fora de casa até cinco da tarde por que a aula da faculdade até as quatro e meia... só que às quatro e dez da manhã de domingo eu já ia acordar pra vir trabalhar de novo. Então tempo pro namorado era curto e geralmente eu estava com sono... então não progrediu [...] não deu certo. Ele não entendia minha rotina, dava muita discussão... aí acabou [...] ele tinha a mesma idade que eu”. (ARAUJO, 2009, p. 80).

Fica visível que o modo de vida de Márcia foi um empecilho na sua relação com o namorado, sua “escolha” pesou segundo ela: “[...] eu vi que era a escolha que eu tinha feito...” (ARAUJO, 2009). Nota-se que a carga de culpa acaba sendo descarregada por ela mesma em si própria, ou seja, ela se sente “refém da lógica” e se culpa por não sair. A carga de culpa é colocada em cima de quem sofre na pele os problemas desta vida corrida.

Todos estes problemas gerados pela rotina *just-in-time* na vida dos trabalhadores acabam por criar pessoas cada vez mais sem tempo para a vida em sociedade, momentos para si, com a família ou alguém que lhe importe momentos que não respondam pela lógica de acumulação do capital, momentos que sejam de humanização. Os trabalhadores ficam presos à lógica da produção a todo o momento e acabam por perder o rumo de suas próprias vidas. Sennett em seu livro “A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999) nos mostra através de depoimentos coletados de um pai e filho em épocas diferentes, que viveram momentos distintos de modo de trabalho. O pai trabalhou no sistema fordista, com sua seguridade e rigidez e modelos fixos de produção e o filho vive o momento flexível, de desapego as garantias trabalhistas e eterna rotação.

Através desta análise o autor deixa claro as mudanças na vida dos trabalhadores. Enrico (pai) vivia de forma rígida, com horários certos, trabalho fixo e duradouro, carregava consigo para a vida esta concepção de mundo/trabalho, Rico (filho), vive um momento diferente, trabalha em um escritório, tendo mudado de cidade várias vezes, não tem um acompanhamento direto com os filhos devido á viagens de trabalho e se sente temeroso quanto a isso; afirma ter medo “de ver os filhos como ratos de *shopping center*” (SENNETT, 1999), pois apesar de negar os valores da época de seu pai, como rigidez, benefícios sociais e etc. Tem medo de ver os filhos sem nenhum valor na vida.

Toda esta insegurança gerada pela captura da subjetividade/engajamento que perpassa a empresa e invade a vida social/afetiva dos trabalhadores, muitas vezes tem uma variação que perpassa o medo e a insegurança. Renan Araújo ao coletar depoimento com o médico do trabalho nos mostra como podem ser nefastas as conseqüências da tentativa a todo custo de alcançar a produção ideal:

“A gente tem que frisar bem, inicialmente eu não acho que as pessoas usem qualquer tipo de droga para poder trabalhar, para agüentar o trabalho. Elas começam usando algum tipo de substância química pra poder relaxar... ele precisa de alguma coisa que o desligue do trabalho... o trabalho é uma presença tão intensa na vida do cara, ele ocupa tanto espaço na vida que se você quiser algum momento de sossego, de paz, de diversão, você precisa esquecer o trabalho... qualquer coisa vale pra você esquecer o trabalho [...] não vai dar pra você fazer nada se não esquecer todas as obrigações... porque se você estiver lúcido pra pensar no quanto de coisas que tinha pra fazer e não fez, que vão se acumular com as coisas que não vai conseguir fazer também na próxima semana, você nem dorme... ou então você vai começar a pensar: “vou voltar pra fábrica, trabalhar sábado e domingo porque...não dá [...] O problema é um só, toda substância relaxante tem uma “meia vida” longa. Por exemplo, o cara que sai às 23:30 h da faculdade e fuma um ou dois baseados, toma uma cerveja pra

consegui dormir, a tendência dele é de dormir até as 10:00 h da manhã, mas ele precisa acordar às 4:00... 4:30 ou 5:00h, então o que acontece é que ele começa a usar alguma coisa que “ligue” ele logo cedo [...] você precisa tomar alguma coisa que seja estimulante, aí você começa com guaraná em pó, mas guaraná em pó não dá conta, aí você começa a partir pra uma coisa que seja um pouco melhor [...] o que é natural hoje em dia; as anfetaminas, as sintéticas principalmente [...] dá uma “turbinada” com esse produto químico. Às vezes você toma algum estimulante normal, desses produzidos comercialmente, remédios que são antidepressivos, tem a capacidade de te estimular um pouco, e, no limite você... dependendo do seu poder aquisitivo, usa cocaína... Que é o que muita gente cheira para trabalhar. Tanto isso é verdade que nós temos fábricas hoje no ABC... claro que nós somos contra esse tipo de coisa... mas que já tem programas de repressão ao uso de drogas, principalmente o uso da cocaína e da maconha. Elas (as empresas) fazem teste aleatórios garantindo que pelo menos quatro vezes por ano todo mundo seja testado e se for detectado qualquer sinal de uso de qualquer droga (cocaína, maconha ou mesmo bebida alcoólica) ele é incluído num programa de acompanhamento e monitoramento, chamado entre aspas de “Programa Social de Prevenção de Dependência Química”, Mas que na verdade é um tormento porque a partir do momento em que o cara (o trabalhador) passou a perder produção ela (a empresa) tem toda uma justificativa; “o cara é um dependente químico inveterado, embora a fábrica tenha feito tudo... não consegue resolver, então tem que ser demitido”. [...] uns dez anos... eu acho que uns dez anos... pelo que a gente tem lido, quer dizer, quando você começa a entrar nessa, é claro que existem casos e casos, mas a idéia seria em torno de dez anos o tempo em que a pessoa leva a começar a aprofundar a dependência, nesse período ele ganha produtividade, depois disso se estabiliza por volta de uns quatro, cinco anos... e começa a cair, por volta de dez anos ele acaba estando com problemas sérios de conseguir responder àquilo que a fábrica tá querendo dele, isso sim é o caso do alcoolismo [...] Hoje o álcool é o mais consumido por um motivo: é o mais barato e é legal...já temos um significativo numero de pessoas em qualquer área e em qualquer atividade...quer dizer, tanto horistas, peão de chão de fábrica como mensalistas” (ARAÚJO, 2009, p. 88).

Evidencia-se através do depoimento do médico do trabalho que a relação do trabalhador com a rotina de trabalho perpassa a fábrica, vai para sua vida social fora dela, o individuo se encontra tão ligado ao trabalho, tão “capturado” pela relação na fábrica que sua vida perde o sentido fora dela. E para esquecer desta lógica muitas vezes recorrem ao álcool ou até mesmo as drogas. Assim fica visível quanto é perigosa a relação do trabalhador com as novas formas de organização no trabalho flexível, ao extremo que se chega a “captura” da subjetividade/engajamento dos trabalhadores. De um modo geral vemos que a relação dos trabalhadores com a sua vida (fora do trabalho, em sociedade) se tornam totalmente sem sentido:

“O trabalho me levava ao cansaço... o cansaço me levava a beber... acabou virando uma rotina [...] Minha relação com minha noiva nessa época já estava conturbada [...] Meu vínculo com a noiva foi se quebrando aos poucos [...]” (ARAÚJO, 2009, p. 90)

É muito esclarecedor o depoimento de Heitor, jovem de 27 anos que luta contra as drogas, ele foi entrevistado por Renan Araújo e contou sua relação com as drogas e o álcool, que usava para se livrar do cansaço fora da empresa e para produzir mais, pois seu rendimento caía de produção com o passar dos anos. Assim notamos a necessidade de constante luta dos trabalhadores, mas não luta para melhorias sindicais como anteriormente, mas sim luta para uma vida mais digna, mais segura. O que acaba por retificar os desejos mais nefastos do capital flexível, que cada vez mais dentro de um processo histórico se apropria da riqueza socialmente produzido e do *saber-fazer* dos trabalhadores e dentro de um processo dialético de negação, nos cortes futuros jogam massas de trabalhadores na “rua da amargura”. “Por que cada um então se crê (é encorajado a crê-se) dono falido de seu próprio destino, quando não passou de um numero colocado pelo acaso numa estatística.” (FORRESTER, 1997).

4. O Trabalho Flexível, no Universo Bancário.

A revolução técnico-científica, a aliança entre a máquina e a informática vem sendo aprimorada, resultando em aumento de automação do trabalho. O robô é um produto deste casamento adotado nas mais modernas empresas. (FRANÇA, 2007:31)

Relacionando máquinas e informática, relata-se que a atual utilização de caixas eletrônicos e de serviços bancários realizados por meio da Web, tem contribuído de forma assustadora no setor bancário para o extermínio do trabalho realizado pela mão do homem não só na cidade de Cruzeiro do Sul - PR, mas também em todo o Brasil.

(...) a produção de mercadorias dada pelas tecnologias da quarta idade das máquinas, se oculta no novo poder do capital desregular e flexibilizar contratos de trabalho. (...) caracterizada pela revolução da informática, das novas máquinas automatizadas com microprocessadores, destruiu, (...), as formas anteriores de relações contratuais, (...) a revolução das redes informacionais e das tecnologias de informação construiu a precariedade salarial (...). (ALVES, 2007, p. 92).

Na análise de Alves (2007), fica clara a desregulamentação de uma classe que sofreu forte golpe pelas mãos do capital, sabendo que as empresas ligadas ao setor

bancário, são pioneiras nas buscas de desenvolvimento tecnológico, com o intuito de flexibilizar, o seu quadro pessoal. O qual relata Alves, que essa chamada revolução da informática destruiu com as antigas formas contratuais.

Lembra como o desemprego é temido em toda parte, onde diante de tantas promessas, quase falaciosas os trabalhadores se vêem em eterna caça pelo emprego tão desejado e de muitas promessas feitas, eles sempre estão em busca de um trabalho que não existe (FORRESTER, 1997: 9).

Acredita-se também que os trabalhadores dessa categoria, como os de outras categorias, tiveram que se transformar em polivalentes, e concorreram uns com os outros, na redução do quadro de pessoal que houve. Da mesma forma que outros trabalhadores disputaram e ainda disputam entre si o posto de emprego, a categoria dos bancários também disputou as vagas remanescentes e como mostra Forrester (1997), essa categoria também teve medo de ficar desempregada.

5. Referências Bibliográficas.

ALVES, Giovanni A. P. Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Marília: 2007.

ARAÚJO, Renan B. O modo de vida “just-in-time” do novo perfil metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC: antigos dilemas, novas contradições e possibilidades. Araraquara: 2009.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Ed. Cortez. São Paulo: 1995.

BIHR, Alain. Da grande noite a alternativa: O movimento operário europeu em crise. São Paulo: Boitempo, 1998.

FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FRANÇA, Gilberto Cunha. O trabalho no espaço da fábrica. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GRAMSCI, Antonio in DUART, Newton. A individualidade para-si: contribuição para uma teoria histórico-social do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1999.

HARVEY, David. Condição pós-moderna. 15ed. Ed. Loyola, São Paulo: 2006.

LESSA, Sérgio. *O processo de produção/reprodução social; trabalho e sociabilidade*. 1999. Disponível em: <http://sergiolessa.com/Novaartigos_etallil.html>. Acesso em: 8 março, 2010.

MARX e ENGELS, 1979. in DUART, Newton. *A individualidade para-si: contribuição para uma teoria histórico-social do indivíduo*. Campinas: Autores Associados, 1999.

SENETT, Richard. *A corrosão do caráter: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TAUILE, José Ricardo. *Para (re)construir o Brasil contemporâneo: Trabalho, tecnologia e acumulação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

TORRIGLIA, Patrícia Laura; CHAGAS, Liliane Maria de Moura. *Atividade como agir humano intencional: algumas reflexões a partir de György Lukács e Alieksei Leóntiev*. In: TUMOLO, Paulo Sérgio; BATISTA, Roberto Leme. *Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global*. Maringá: Práxis, 2008. cap. 5, p. 105-126.